

PHILIP KERR

MERCADO  
DE INVERNO

Tradução de Carlos Sousa de Almeida

## **Mercado de Inverno**

Philip Kerr

Publicado em Portugal por  
Porto Editora  
Divisão Editorial Literária – Lisboa  
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:  
*January Window*  
© by thynKER Ltd

Design da capa: © Manuel Pessoa  
Imagem da capa: © Ilona Wellmann / Arcangel Images

1.ª edição: outubro de 2015

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

---

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**  
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 397422/15  
ISBN 978-972-0-04784-7



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

Este livro apresenta-se como uma obra de ficção e os erros que contém não podem ser atribuídos ao meu agente secreto (por favor, não perguntem). Devo acrescentar que tem a minha total confiança e prometo não o despedir mesmo que este romance não ganhe nada.

Philip Kerr



*Para Paul Sidey*



# Capítulo 1

Janeiro de 2014

Detesto o Natal. Tenho quase quarenta anos e acho que o odiei mais de metade da minha vida. Antes jogava futebol profissional, agora treino outros para que façam o mesmo, por isso, o Natal é uma época do ano que associo a um calendário de jogos tão cheio como a loja de brinquedos Hamleys. Isto significa treinos de manhã cedo em campos congelados, tendões maltratados sem tempo para recuperar adequadamente, adeptos embriagados que esperam da equipa muito mais do que se afiguraria razoável – para não falar das elevadas expectativas que tem um proprietário implacável ou um presidente de clube – e presumíveis encontros fáceis contra equipazitas do fundo da tabela que podem acabar por nos pregar um susto.

Este ano não é diferente. Enfrentamos o Chelsea a 26, o que significa que no dia de Natal, bem cedo, quando noventa e nove por cento das pessoas está a abrir as prendas, a ir à igreja, a ver televisão diante de uma agradável lareira ou simplesmente a emborrachar-se, nós estaremos no complexo desportivo de Hangman's Wood, em Thurrock. Dois dias mais tarde, a 28, temos outra saída, a Newcastle, antes de um jogo em casa contra o Tottenham Hotspur no dia de Ano Novo. Três jogos em sete dias. Isto não é desporto, é um maldito Triatlo Ironman. Quando as pessoas do mundo do futebol profissional falam da beleza deste desporto, não incluem normalmente as férias do Natal. E sempre que recorro a história da revista *Boy's Own* sobre um jogo de futebol amigável disputado em terra de ninguém durante a I Guerra Mundial entre soldados britânicos e alemães, penso com os meus botões: «Pois, gostava de os ver sem um guarda-redes em forma

e a alinhar com um médio imbecil e mandrião que espera assinar por outro clube para duplicar o salário, já de si astronómico, no mercado de inverno.» O mercado de inverno é o período de quatro semanas durante o qual a FIFA autoriza os clubes europeus a registar um novo jogador a meio da época. Francamente, a ideia parece-me uma estupidez – o que é típico da FIFA – porque fomenta uma mentalidade de venda de garagem em que os clubes procuram livrar-se dos pesos mortos para pagar barbaridades por um menino de ouro que lhes dê a possibilidade de ganharem qualquer coisa ou simplesmente de permanecerem na Liga. Dito isto, não há dúvida de que todos os treinadores procuram comprar jogadores: uma boa contratação pode decidir o título da Liga ou evitar a despromoção. Basta ver que jogadores foram comprados em mercados de inverno recentes para perceber o valor de se contratar alguém a meio da época: Luis Suárez, Daniel Sturridge, Philippe Coutinho, Patrice Evra e Nemanda Vidic, todos chegaram aos seus clubes no mercado de inverno. Se alguma vez tiverem feito parte de uma rede de vendas imobiliárias, em que uma série de consumidores não pode adquirir uma nova casa até ter vendido a antiga, então começarão a perceber um pouco a enervante complexidade do que acontece em janeiro. Pessoalmente, acho que as coisas corriam melhor quando o mercado estava sempre aberto; mas eu sou daqueles que acha que quase tudo neste desporto era melhor antes de a Sky TV, as repetições instantâneas e a mudança das regras do fora de jogo imposta pelo IFAB<sup>1</sup> em 2005 terem feito dele o que agora é.

Há, no entanto, outro motivo, este mais triste, pelo qual não gosto muito do Natal. Em 23 de dezembro de 2004, fui considerado culpado de violação e condenado a oito anos de prisão, e não é preciso ser o fantasma do maldito Jacob Marley dickensiano para imaginar o efeito negativo disso sobre o Natal de qualquer um, passado, presente ou futuro.

Mas voltarei mais adiante a este assunto.

Chamo-me Scott Manson e sou treinador adjunto do London City. Como sempre treinei com os jogadores, gosto de dar

---

<sup>1</sup> International Football Association Board. (*N. do T.*)

o exemplo, o que significa nada de álcool desde 22 de dezembro até à noite de Ano Novo. É como ser Testemunha de Jeová numa dessas festas de casamento luxosas de uma noiva pateta com um futebolista que aparecem na *Hello!*. Nada de álcool ou de noitadas, uma dieta sensata e, é claro, nada de fumar; queira Deus que eu – ou melhor, Maurice McShane, o mediador extraoficial do clube – não veja numa revista um dos meus jogadores ao volante, depois de sair de uma discoteca em noite de Natal, com um *Silk Cut* na mão. Cheguei a dar uma descasca a um avançado-centro por ter tatuado um dragão – um presente de Natal da atrasada da mulher no dia anterior ao jogo do dia de Ano Novo. Caso não saibam, as tatuagens doem como o diabo, e, além disso, as tintas e os pigmentos podem estar contaminados, o que, às vezes, provoca náuseas, granulomas, doenças pulmonares, infecções nas articulações e problemas oculares. Já ouviram falar numa passagem da Bíblia que diz que o nosso corpo é um templo? Isto é especialmente verdade com os futebolistas, e bem podem ir rezando para não darem cabo dele se quiserem continuar a cobrar cem mil libras à semana. Não estou a brincar. Querem oferecer algo bonito a um futebolista no Natal? Compremlhe uma coleção de DVD e um frasco de *Acqua di Parma*. Não lhe ofereçam um vale para cobrir o seu templo de graffitis, pelo menos até terminarem os jogos do Natal e início de janeiro.

Em conclusão, o London City empatou a zero com o Manchester United, perdeu por 4-3 com o Newcastle e venceu por 2-1 o Tottenham – o que nos deixou em nono lugar na 1 Liga – e voltou a empatar a zero com o West Ham no primeiro jogo da Taça da Liga inglesa. Mas nada disso parecia ter importância – ao menos para mim – porque no quinto minuto da partida em Silvertown Dock contra o Tottenham, Didier Cassell, o nosso guarda-redes titular, sofreu uma lesão grave na cabeça depois de chocar com a trave ao tentar deter um potente chute com efeito de Alex Pritchard.

As imagens do impacto são horríveis; a princípio, toda a gente pensou que o som captado pelo microfone que estava junto à baliza fosse o da bola a bater num painel publicitário, e só depois de a Sky Sports ter mostrado o incidente várias vezes em câmara lenta – o que deve ter encantado a família de Didier –, é que as pessoas se

deram conta de que o ruído surdo era o do crânio do guarda-redes a fraturar-se contra a trave. Não sei quem estava mais preocupado, se os nossos jogadores, se os do Tottenham.

Quando o pessoal médico levou Cassell do campo, ele ainda não tinha recuperado os sentidos. Quatro dias depois, continuava inconsciente no hospital. Ninguém usa a palavra coma – ninguém, exceto os jornais, claro, que já o põem a defender a baliza da equipa de Deus – mas com uma terceira ronda da Taça de Inglaterra contra o Leeds United programada para o fim de semana, já estamos a pensar em comprar um guarda-redes àquele que foi o clube do meu pai, o Heart of Modlothian, cujos credores acham que saldar as dívidas é mais importante do que não sofrer golos. Kenny Traynor é uma pechincha por nove milhões, o que é quase dois terços do que, ao que parece, os do Heart devem aos bancos.

João Gonzales Zarco, o nosso recém-nomeado treinador, falou de Didier Cassell com o seu habitual ar enigmático perante as câmaras de televisão e os jornalistas postados frente ao Royal London Hospital quando eu e ele fomos visitá-lo:

– Não quero falar sobre a substituição de guarda-redes. Por favor, não me façam esse tipo de perguntas. Neste momento, os nossos pensamentos estão com o Didier e com a sua família. Obviamente, desejamos a sua rápida recuperação. O que posso dizer sobre o que aconteceu é que, por mais planos que façamos, ou por muito que controlemos a equipa, a vida atira sempre a bola para o fundo das redes.

Zarco, um homem amiúde emotivo, enxugou uma lágrima e acrescentou:

– Ouçam, no futebol não se pode jogar sob os holofotes sem que haja sombras, e é necessário perceber-se isso. Todo o jogador, todo o treinador da nossa Liga sabe o que é, às vezes, jogar assim. No entanto, gostaria ainda de acrescentar que – e dirijo-me àqueles que escreveram ou disseram coisas que nunca se deviam dizer quando um valente jovem luta pela vida – sou como um elefante. Não me esqueço do que alguns disseram e quando o disseram. Não me esqueço. Por isso, quando tudo tiver acabado, hei de espezinhá-los, limpar o rabo às palavras deles e mijar-lhes em cima. Os restantes

devem lembrar-se sempre de que o London City é uma família unida. Um dos nossos filhos prediletos está doente, sim, mas temos de superar isso. Prometo-vos que este clube voltará a andar sob os holofotes. E Didier Cassell também.

Eu não o teria dito melhor. Gostei especialmente do momento em que João Zarco disse que limparia o rabo às palavras de certos jornalistas e lhes mijaria em cima. Mas eu faria o mesmo, não é? Não tenho motivos para gostar de nenhum jornal. Muitos dos jornalistas que conheço são agitadores, ainda que chamem a isso obter um furo, como se o mesmo justificasse tudo. Não justifica. Para mim, não.

Evidentemente, naquela altura não o sabíamos, mas os nossos problemas na Coroa de Espinhos apenas tinham começado.